

EMIGRANTES 2.0¹: UCRANIANOS ONLINE EM TEMPO DE GUERRA

por

Margarida Caseiro

Resumo: Partindo do conflito separatista iniciado em abril de 2014, no Leste da Ucrânia, este artigo analisa a centralidade da Internet na agência das comunidades migrantes contemporâneas e como este facto abriu possibilidades etnográficas. O texto foca-se num grupo de ucranianos que recorre ao *Facebook* como um instrumento de afirmação contra o secessionismo e de participação cívica e política nos destinos do seu país, a partir de Portugal. A rede social materializa o carácter transnacional (Basch *et al.* 2005 [1994]) da experiência destes migrantes, que naqueles espaços *online* encontram uma plataforma de expressão da sua “comunidade imaginada” (Anderson 1991).

Palavras-chave: *Facebook*, Ucrânia, migrantes, separatismo, transnacionalismo.

Abstract: Taking the separatist conflict that started in Eastern Ukraine in April 2014, this article approaches the centrality of the Internet in contemporary migrant communities and how this fact has opened up new ethnographical possibilities. This paper focuses on a group of Ukrainians using *Facebook* as an instrument of affirmation against secessionism and of civic and political participation within their country, from Portugal. The social network materializes these migrants’ transnational experience (Basch *et al.* 2005 [1994]) who are able to find in online spaces a platform where to express their “imagined community” (Anderson 1991).

Keywords: Facebook, Ukraine, migrants, separatism, transnationalism.

Entre 2014 e 2015, trabalhei com ucranianos imigrados em Portugal com o intuito de averiguar como se relacionavam com o conflito separatista, que corria no Leste do seu país desde abril de 2014.² Propunha-me conhecer a Ucrânia³ que «imaginavam» e como enunciavam a pertença comunitária ao seu país de origem

¹ O termo «2.0» refere-se à *web 2.0*, a atual geração da *world wide web* (Internet). A designação foi empregue pela primeira vez em 2004, pelo fundador da Internet, Tim O’Reilly, quando a *web* passou a ser uma plataforma de interação entre os seus utilizadores. Isto é, o que a *web 2.0* tem de novo em relação à antecessora é o desenvolvimento de aplicações que aproveitem os próprios efeitos da rede para se aperfeiçoarem – quanto mais as aplicações são usadas, mais se vão desenvolvendo graças aos contributos dos seus utilizadores. A principal característica da *web 2.0* é, assim, o facto de assentar no modelo da inteligência coletiva. (cf. blogue de Tim O’Reilly em <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>).

² A comunidade imigrante ucraniana em Portugal é a segunda maior comunidade estrangeira e conta cerca de 44.000 pessoas com estatuto legal.

³ Situada na Europa de Leste, a Ucrânia é o maior país do continente, com aproximadamente 600.000 km² e 44 milhões de habitantes.

(Anderson 1991). Em primeiro lugar, importou-me caracterizar a condição «transnacional» dos homens e das mulheres com que falava no terreno, para perceber como participavam nos destinos do seu país enquanto emigrantes (cf. Basch *et al.* 2005; tb. Shiller *et al.* 1995 e Schiller e Fouron 2004). Queria saber que estratégias identitárias tinham criado e como é que as instrumentalizavam para participarem numa guerra que se travava a 4000 quilómetros de distância. Ainda que longe do epicentro dos acontecimentos, no terreno junto das pessoas com que trabalhei, pude testemunhar como seu envolvimento era marcado por emoções intensas e até sacrifícios pessoais e familiares (comparar com Kapferer 1988). Tudo em nome da nação, pensada como uma segunda família

Desde o início do meu trabalho de campo em Lisboa, soube que ter em conta a Internet era imprescindível ao processo de pesquisa que iria desenvolver, fosse como coadjuvante na consulta de bibliografia e de documentação variada ou para fazer entrevistas a pessoas que não vivessem em Portugal. Mais tarde, precisei de entrar em contacto com interlocutores na Ucrânia que acompanhavam de perto a guerra. Noutra ocasião ainda, foi necessário adicionar detalhes a conversas que mantivera, numa viagem que fiz àquele país em dezembro de 2014. À partida, porém, não tinha podido prever a centralidade que o «ciberespaço», concretamente, o *Facebook*, viria a ganhar no meu trabalho, mas de facto esta “rede social” impôs-se cedo como um lugar privilegiado do meu exercício etnográfico.

Se larga parte das entrevistas e da observação participante que fiz decorreu nos locais que o grupo de pessoas em que foquei frequentava quotidianamente em Lisboa, o fulcro da minha investigação deslocou-se para a Internet quando percebi que era nas suas páginas pessoais, e nas dos grupos que frequentavam no *Facebook*, que punham em prática ações concretas de ajuda aos soldados voluntários que tentavam travar os separatistas no Leste do seu país. Os resultados mais profícuos que consegui *online* não advieram, assim, da minha interação na Internet *com* interlocutores que viviam em Portugal ou na Ucrânia, mas antes decorreram da observação que fiz *do* espaço na Internet que ambos frequentavam – as páginas no *Facebook* onde não-migrantes e migrantes ucranianos em qualquer parte do mundo comunicavam, conviviam e agiam em tempo de guerra. Embora virtual, a *web* era um contexto suficientemente heurístico para ser considerada o meu terreno etnográfico por excelência.

O ciberespaço não será ainda hoje considerado como campo de possibilidades etnográficas ortodoxo por muitos antropólogos, no entanto a produção teórica sobre trabalho de terreno *online* e práticas etnográficas em comunidades virtuais tem mais de duas décadas e já se desdobrou muito (cf., como especialmente sugestivos, Escobar 1994; Bell e Kennedy 2000; Johns *et al.* 2004; Boellstorff 2008; Boells-

torff *et al.* 2012; Snodgrass 2013). De entre as práticas etnográficas exercidas na Internet, as que mais se assemelham ao meu exercício são as que foram exercidas *online* a propósito de comunidades migrantes em trabalhos ainda recentes também (cf. Bernal 2006; Eriksen 2007; Schrooten 2012; Macri 2011; 2013).

Para além das questões teóricas e de método que possamos suscitar no confronto com a bibliografia de referência, a verdade é que a Internet já tinha sido determinante para as manifestações que ucranianos pró-europeístas iniciaram em novembro de 2013, na capital da Ucrânia, Kiev. Tinha sido um fator essencial na sua mobilização e a revolução popular que chegou a acontecer⁴, seria o prelúdio do conflito secessionista nos *oblasts* (províncias administrativas) orientais de Donetsk e Lugansk, que mais tarde estudaria junto de imigrantes ucranianos em Portugal.

Os meses ininterruptos de protestos na *Maidan Nezalezhnosti* (Praça da Independência, no centro de Kiev), começaram de forma inusitada. Na sua página no *Facebook*, um jornalista, sobretudo conhecido entre os mais jovens, lançou o repto de se juntarem nessa noite na *Maidan* todos os que estivessem indignados com uma decisão do governo. O presidente Viktor Yanukovich tinha suspenso o Acordo de Associação com a União Europeia, já em marcha⁵, e preparava-se para aderir à União Aduaneira Euroasiática, liderada pela Rússia e de que fazem parte a Bielorrússia e o Cazaquistão⁶. Indignados com o retrocesso no caminho da aproximação da Ucrânia à União Europeia, e com o regresso do país à órbita económica de Moscovo, ucranianos pró-europeístas acorreram massivamente às ruas junto ao Parlamento, onde a contestação durou os três meses seguintes.

TRANSMIGRANTES NO TERRENO

A ubiquidade da Internet no meu trabalho reflete o tempo em que é escrito. Quase 244 milhões de pessoas viviam fora do seu país de origem em 2015,

⁴ Referência às manifestações que desencadearam «*Maidan*» («praça»), o movimento popular de contestação ao regime, por uma aproximação da Ucrânia à União Europeia. *Maidan* é o nome pelo qual os habitantes de Kiev se referem à principal praça da capital, *Maidan Nezalezhnosti* (Praça da Independência) e onde decorreram os protestos. Apesar de a imprensa internacional ter popularizado o nome «*Maidan*» para este movimento europeísta, os ucranianos referem-se-lhe frequentemente por *Euromaidan* ou ainda por Revolução da Dignidade.

⁵ Cf. http://europa.eu/rapid/press-release_STATEMENT-14-349_en.htm, nota de imprensa publicada no site da Comissão Europeia em 31 de outubro de 2013, dia da Declaração Conjunta (*Joint Statement*) dos presidentes da Ucrânia, do Conselho Europeu e da Comissão Europeia sobre o início da aplicação provisória do Acordo de Associação Económica, o primeiro passo da futura adesão da Ucrânia à UE.

⁶ Cf. notícias de suspensão do AAE em <https://www.theguardian.com/world/2013/nov/21/ukraine-suspends-preparations-eu-trade-pact>; <http://www.bbc.com/news/world-europe-25162563>.

um máximo histórico e que, de acordo com as Nações Unidas, tem aumentado anualmente nas últimas décadas.⁷ O grupo de ucranianos com que trabalhei em Portugal permitiu-me perceber como a Internet desafiou antigos constrangimentos das migrações por ter revolucionado a forma de comunicar. A Internet intensificou os efeitos da globalização: tanto a compressão do espaço-tempo (Harvey 1990), ao aproximar diferentes geografias por via da tecnologia, como a dispersão e expansão do espaço (Giddens 1990), por permitir que a distância territorial não signifique rutura ou mesmo disrupção na agência entre os migrantes e o seu país de origem.

O *Facebook* comprimia e expandia o espaço entre Portugal e a Ucrânia em concomitância, como me foi dado a observar. Iludia a distância e as páginas dos meus interlocutores não eram passivas. Ao invés de uma mera «montra» dos seus dias, gostos ou lugares que visitavam, as suas páginas eram o local onde planeavam estratégias de solidariedade material (e moral) para com os voluntários de guerra, e respetivas famílias em dificuldades financeiras. Ao viabilizar estas ajudas, a rede social impedia também a disjunção do espaço de agência dos meus interlocutores. E ampliava-o até: não era por viverem em Lisboa que não podiam impactar diretamente o dia-a-dia de homens, das suas mulheres e filhos que viviam na Ucrânia. Tal como os soldados, estes ucranianos imigrados em Portugal participavam na construção diária da história do seu país.

No meu trabalho de campo também podia reconhecer as características que In da e Rosaldo (2002) atribuem aos migrantes hodiernos: “They are mobile subjects who draw on diverse assemblages of meanings and locate themselves in different geographies simultaneously” (2002: 19). São cidadãos verdadeiramente transnacionais, porque vivem e participam na sociedade de acolhimento, enquanto continuam a tomar decisões e a fazer parte do quotidiano familiar e social de onde provêm.

Consequência da globalização, a «transmigração» a que In da e Rosaldo se atêm, desafia a conceção de campo etnográfico confinado pelo espaço físico, pelas “práticas espaciais” que tradição antropológica consagrou no século XX (cf. Clifford 1997). Neste tempo corrente, de intensa mobilidade humana e de disponibilidades novas de comunicação, para estudar comunidades migrantes é preciso considerar a rede que liga os seus membros, e estes à origem e à sociedade de acolhimento. A própria rede que os une pode constituir o «terreno etnográfico», ser objeto de observação em si mesmo, abrindo o trabalho de campo, assim, nas palavras de George Stocking: “The basic constituting experience” (Stocking *in* Gupta e Fer-

⁷ Em 2010, o número de migrantes no mundo era de 222 milhões e, em 2005, de 192 milhões. Dados disponíveis no *website* da Nações Unidas em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates15.shtml>.

guson 1997: 2). Do mesmo modo, na minha pesquisa o uso da Internet não ficou resumido à investigação bibliográfica e passou a ser um local de agência: «parte integrante» dessa *constituting experience* que Stocking referia.

É a etnografia multisituada (Marcus 1995; ver tb. glosas. em Marcus 2014; Clifford 1997; Hannerz 2007) que se apresenta como resposta viável às exigências da realidade globalizada, da “translocalidade” das experiências migratórias da atualidade. A etnografia multisituada não importa a abordagem holística do terreno a que o prefixo *multi* possa induzir, mas sim, o impacto cultural nos diferentes locais que concernem à pesquisa (Marcus 1995: 99). Também a «multivocalidade» dos locais tem de ser tida em conta, pelo que exige a caracterização das ligações entre essas geografias e a forma como os intervenientes se relacionam entre si (Hannerz 2007: 362; 366; tb. Appadurai 1990; 2010). Como Marcus sintetizaria mais tarde, a investigação multisituada é uma estratégia de desenho de metodologia etnográfica, mais imaginada do que concreta, que permite unir o que é potencialmente desunido (Marcus 2014: 532-33).

Num mundo globalizado, “desterritorializado”, como sugere Arjun Appadurai, são os estudos do transnacionalismo que podem determinar a localidade enquanto experiência vivida (Appadurai 2010: 52), demonstrando, de passagem como é infundado o receio de que a globalização imponha homogeneização cultural. De facto, ela é antes uma força transformadora, também criadora de novos universos locais (Appadurai 1990; Eriksen 2010; Ina e Rosaldo 2002) e, por tal, um agente inescapável da ciência etnográfica. A globalização reconfigurou o pensamento antropológico por ter determinado a transformação de sentido como o tempo e o espaço eram vivenciados e representados (Gupta e Ferguson 1992: 6).

Como antes sugeri, o *Facebook* passou a ser um terreno de exercício etnográfico quando percebi o modo importante como o conflito na Ucrânia interferia no quotidiano dos ucranianos que conheci, e a mobilização se suscitava, nas redes sociais. Nas suas páginas, tinham organizado uma teia informal de angariação de dinheiro e de bens de primeira necessidade que enviavam de Portugal para a Ucrânia. Soube destas campanhas humanitárias na Embaixada da Ucrânia em Lisboa, por intermédio de um casal que tinha ido votar nas eleições legislativas de outubro de 2014. A guerra já durava há seis meses e o casal -- na casa dos 50 anos e em Portugal há 15 -- contava-me como era difícil ver o conflito pela televisão ou em canais ucranianos *online*.

Falaram-me da guerra – ou de como a viam – e da forma como a sua eclosão tinha alterado as suas rotinas em Portugal. Meses antes, no verão, não tinham podido ir a Rogatyn, a sua a terra natal, no extremo ocidental da Ucrânia, por terem gasto no apoio aos combatentes as suas economias. Há mais de um ano que

os dois juntavam as poupanças para visitarem a filha no verão de 2014 e estarem finalmente com o neto de dois anos, que apenas conheciam por intermédio do *Skype*. Porém, em abril desse mesmo ano, tinha começado a guerra e, desde então gastavam os dinheiros postos de parte em café, chocolates, enlatados, material de primeiros-socorros, roupa e sacos-cama para enviar para a área de confrontos no Leste. Ludmila e Vital, juntamente com outros ucranianos em Portugal, enviavam donativos quase todos os meses ao cuidado de intermediários na Ucrânia, que se voluntariavam na *net* para fazer chegar os donativos à frente de batalha.

Estes meus dois interlocutores pertenciam a um dos vários grupos no *Facebook* de apoio à causa patriótica ucraniana (e de louvores aos combatentes). Páginas onde também se organizavam operações de grande logística que incluíam divulgar recomendações práticas aos soldados no terreno, estipular em que transporte seguem as remessas para a Ucrânia ou saber quando, e onde, podem ser recolhidas. Na maior parte das vezes, as encomendas seguem pelos circuitos das rodoviárias europeias, mas também é frequente um grupo de amigos alugar uma carrinha, onde quando ainda há espaço, se recolhem ofertas de emigrantes em países a caminho da Ucrânia.

Esta solidariedade para com os militares pode ser percebida como um acionamento da “imaginação” da comunidade nacional teorizada por Benedict Anderson, que definiu a nação uma “comunidade imaginada”, “É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão” (1991: 25). O altruísmo daquele casal, ao prescindir de visitar a família porque os sacrifícios financeiros passam a ser feitos em nome dos militares, não é encarado por nenhum dos dois como tal, nem como um ato nobre, antes como uma comunhão incontornável com os seus compatriotas. Para eles, é um imperativo moral a solidariedade para com os voluntários de guerra, homens que sacralizam a nação a ponto de – por opção – morrerem por ela⁸.

⁸ Uma possibilidade de comparação profícua é proposta por Bruce Kapferer, a propósito do seu trabalho na Austrália e no Sri Lanka, (Kapferer 1988). Ali, o autor conclui que o nacionalismo e a religião se entrecruzam na história contemporânea dos dois países, mas de formas distintas: Australian nationalism displays its religious form in its rejection of the religious, in the same way that Sinhalese nationalism develops its religious form in the assertion of Buddhism and the active incorporation of it (1988: 2). A secularidade religiosa de monges e políticos cingaleses e a religiosidade secular dos militares australianos subsumem o teor sagrado da nação. Apesar de o aspeto religioso estar, de facto, presente no nacionalismo do Sri Lanka, é no universo do nacionalismo australiano que se percebe a ligação espiritual à nação descrita nos estudos do nacionalismo europeu, nascido no século XVIII, com o Estado-nação (Gellner; 2006; Smith 2000); creio ser este caso australiano sobremaneira sugestivo como referência de comparação útil no caso que prossigo.

Posso sugerir, que o casal ucraniano sacraliza a sua relação à Ucrânia, quando deixa de enviar dinheiro à filha para o gastar com aqueles que protegem o bem comum, a sua nação. Que faziam «o bem» para combater «o mal», as forças separatistas, disseram-me Ludmila e Vital, dando ainda conta de como a filha, partilhando o seu espírito de entrega e sacrifício, se sentia orgulhosa com aquelas decisões que a preteriam. A proteção paternal assim estendida, ou esta ligação fraterna a estranhos tão intensa, a «soldados desconhecidos, é o que «confere sentido à nação» sugeria Benedict Anderson (1991: 195), e legitima os sacrifícios que ela exige. A nação é “... como uma família, concebida tradicionalmente como o reino do amor desinteressado e da solidariedade», diz ainda Anderson (*ibid*), e por essa razão, as noções de parentesco são tão frequentemente usadas quando dela se fala.

As doações de Ludmila e Vital e dos outros imigrantes ucranianos – vindas sobretudo da Europa, mas também do Canadá, por exemplo –, são entregues às estruturas informais de cidadãos que se voluntariaram para esta mediação. A intermediária do casal na Ucrânia era Nataliya, uma enfermeira reformada de 60 anos que mora em Kharkhiv, cidade predominantemente russófila do Leste da Ucrânia. Lá, com frequência, visita os soldados que carinhosamente lhe chamam “mamã”. Trata de toda a logística da entrega das mercadorias sozinha, segundo me explicou nas mensagens que trocámos pelo *Facebook*.

Na sua página conjunta, Ludmila e Vital publicam sempre imagens das suas compras destinadas ao envio, que juntam às de outras pessoas (outros ucranianos ou portugueses amigos). O cenário meticuloso de todas as fotografias que vi, reflete o empenho e o gosto na sua iniciativa: os artigos estão organizados em filas, por finalidade, dispostos em mesas e no chão, de tal forma que quase se pode e contar as quantidades e de quê. Sobre as mesas, ou na parede, nunca faltam as bandeiras de Portugal e da Ucrânia e cartazes com mensagens solidárias e elogiosas aos combatentes.

Por sua parte, no destino, Nataliya também fotografa e publica tudo o que lhe chega na sua página do *Facebook*. Como me explicou, é, nomeadamente, uma forma de todos verem que não guardou nada para si. Também expõe as notas de todas as transferências bancárias da conta que tem à disposição para os militares, e disponibiliza-se a comprar artigos mais perecíveis, ou simplesmente entregar o dinheiro às famílias dos soldados quando é doado com esse fim.

Nas suas publicações, Nataliya agradece sempre ao “amigo da Ucrânia” que é Portugal, aos portugueses e aos “grandes patriotas ucranianos” que vivem no país. Ilustra estas mensagens com fotografias de cartas de agradecimento dos militares, ou grupos de soldados a empunharem a bandeira portuguesa e a ucraniana, em sinal de amizade. A “mamã” também publica fotografias com os seus soldados: está

sempre com um sorriso rasgado e os militares com uma cara bem-disposta, pelo que a missão de os confortar com a sua visita parece ser sempre bem-sucedida.

Nas páginas do casal e de Nataliya há, contudo, muito mais imagens do que textos. Textos e imagens – ainda hoje editados nas respetivas páginas – remetem para a crise no Leste, mas também espelham o seu orgulho na cultura ucraniana de modo regular. Ali são, por exemplo, constantes as fotografias de trajes típicos, imagens de poetas nacionais ou que assinalam efemérides religiosas e históricas. Este espaço *online* simultaneamente revela e constrói ativamente a sua condição cultural de ucranianos, mas também assume um cariz mais militante. É aqui que promovem e divulgam as marchas e vigílias organizadas em Portugal e as cartas de *lobby* dirigidas à Assembleia da República. A informação sobre as marchas e vigílias e as cartas ao parlamento são dos raros conteúdos que traduzidos para português, o que interpreto como uma forma de envolver a sociedade que os acolhe e de a sensibilizar para as suas causas – relativas ao país de origem, mas pelas quais lutam no país de destino.

Na página do casal não existem praticamente publicações pessoais, e as fotografias ou são de ambos ou com outros ucranianos, normalmente em atos associativos ou religiosos. O elogio à Ucrânia, à beleza das cidades e ao povo é constante, uma narrativa de virtude, aliás, muito comum em *websites* de comunidades emigradas (Eriksen 2007: 15). Publicam fotografias dos Cárpatos cobertos de neve, de campos cheios de flores na primavera, das abóbadas douradas das catedrais de Kiev ou da arquitetura austro-húngara de Lviv, distinta do resto do país.

Já a página de Nataliya foi, no pico da guerra, um diário da frente. Dava conta de feridos que conhecia, atualizava o número de baixas ucranianas e respondia aos que lhe perguntavam o que seria útil enviar de Portugal, Espanha ou Alemanha. Agora as publicações sobre a guerra, dada a atenuação do conflito, concentram-se no circuito das doações e a rede é um local de trabalho: são frequentes as publicações de fotografias da recolha de embalagens, dos inventários e dos recibos das transferências bancárias (também há algumas imagens de maços de notas).

Foi também no *Facebook* que descobri o movimento *Solidariedade Ucrânia*, iniciativa de um padre ucraniano a viver em Braga. Mantive o contacto com o padre Vasyl e com Svitlana, a redatora dos conteúdos da página em Português, principalmente na página do *Facebook* do movimento. É aqui que divulgam feiras de artesanato, concertos e danças tradicionais ucranianas que os jovens da sua comunidade e filhos de imigrantes organizam gratuitamente para angariarem verbas para missões hospitalares em Kiev.

Sobre estas missões hospitalares, Vasyl começou por me contar que, quando começou a guerra, “não conseguia ver o sofrimento da Ucrânia sem fazer nada”.

Agiu. Conseguiu parcerias para que hospitais de Kiev patrocinassem tratamentos e próteses para soldados e civis, com planos de alargar o projeto a Portugal. Em janeiro de 2015, fundou o movimento e começou a divulgá-lo *online* pelos seus contactos no norte de Portugal, onde viveu sempre nestes últimos 10 anos. Dois meses depois, tinha as assinaturas suficientes numa petição *online* em que o movimento exortava a Assembleia da República ao «Apoio à reabilitação de militares ucranianos em hospitais portugueses»⁹, públicos ou privados. Em 2016, o *Solidariedade Ucrânia* deu origem a uma associação – UPE – Centro Social e Cultural Ucraniano¹⁰.)

SER SEM ESTAR

Para quem, como eu, pesquisava sobre participação social à distância em contexto de guerra, ter reconhecido em território português a teia informal de ajuda a militares e voluntários de guerra ucranianos, e ações individuais, coletivas e associativas para manter a dita guerra, foi uma revelação. No âmago do conflito esteve o separatismo das autoproclamadas República Popular de Donetsk e de República Popular de Lugansk, que declararam independência da Ucrânia logo no primeiro mês dos confrontos¹¹. Quase três anos após o começo das hostilidades, se o conflito ainda dura, é porque as autoridades de Kiev não reconhecem os separatistas.

O grau de envolvimento político e social a longa distância por parte deste grupo de ucranianos imigrados em Portugal é elevado; também se deve salientar a sua capacidade notória de ação política no âmbito da sociedade portuguesa. As estratégias coletivas em território nacional, quer sejam as vigílias, as marchas pacíficas, o *lobby* diplomático junto de eurodeputados e do Parlamento português, ou petições *online* para feridos de guerra, atestam a condição transnacional destes

⁹ Enunciado da petição em <http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=petreabilitacao>.

¹⁰ Sobre a UPE cf. <https://www.facebook.com/solidariedadeucrania/>.

¹¹ Os líderes dos separatistas dos *oblasts* de Donetsk e Lugansk estabeleceram as respetivas repúblicas populares em 7 de abril de 2014, autoproclamando a sua independência da Ucrânia também em conjunto, em 12 de maio de 2014 (cf. <http://time.com/96102/ukraine-donetsk19-independence-russia/>). Dia depois, o ministério público ucraniano considerou as autoproclamadas repúblicas organizações terroristas (cf. <https://www.kyivpost.com/article/content/war-against-ukraine/ukraines-prosecutor-general-classifies-self-declared-donetsk-and-luhansk-republics-as-terrorist-organizations-348212.html>). Apesar da sua menor intensidade atual, o conflito entre separatistas e exército ucraniano continua e os líderes de Donetsk e Lugansk têm reiterado o desígnio de manter a autonomia dos territórios que governam. Em fevereiro de 2017, Rússia passou a reconhecer os passaportes emitidos pela República Popular de Donetsk e pela República Popular de Lugansk, (cf. <http://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-russia-documents-idUSKBN15X0KR>).

imigrantes, que estão política e civicamente envolvidos no país onde vivem e são capazes de construir pontes entre a sociedade portuguesa e a sociedade ucraniana. Esta participação política que tem lugar tanto em Portugal como na Ucrânia e que se mutuamente se alimenta, pode ser tomada com um claro exemplo de transnacionalismo (Basch *et al.* 2005; Schiller *et al.* 1995) e de nacionalismo à distância (Anderson 1992).

Primeiramente formulado por Benedict Anderson em 1992, o conceito de nacionalismo à distância foi contextualizado por Schiller e Fouron (2004), quando mostram o papel dos haitianos imigrados Estados Unidos no processo de *nation-building* verificado no Haiti, uma vez finda a ditadura dos Duvalier, em 1986. A influência política de emigrantes nos países de origem já tinha sido observada em etnografias comparadas feitas nos Estados Unidos e em São Vicente e Granadinas (Basch), nas Filipinas (Szanton Blanc) e no Haiti (Schiller), onde viviam as três antropólogas¹².

Na verdade, também os meus interlocutores cooperaram para o fim do regime do presidente pró-russo Viktor Yanukovich, em fevereiro de 2014. Antes disso, os milhares de pessoas que se manifestavam na *Maidan* foram apoiados por ONG e particulares que entregavam donativos às instituições que asseguravam a logística de protestos ininterruptos: roupas, bebidas quentes, sacos-cama, aquecimento, bens indispensáveis para manter os manifestantes na rua dias a fio. Quase todos os que depois foram meus interlocutores enviaram desde Portugal o que podiam, logo nessa altura, para ajudarem os manifestantes a manterem-se na rua. Um dos meus interlocutores, considera que os emigrantes ucranianos foram determinantes nos protestos – é a própria difusão na Ucrânia das experiências de imigração na Europa que tem consolidado o desejo de adesão à União Europeia por parte de muitos ucranianos. Neste caso, a própria emigração surge, *per se*, como um agente (e reagente) político no país.

¹² No princípio da década de 1980, Schiller verificou que emigrantes haitianos opositores a Duvalier regressaram ao Haiti para angariar apoio político e difundir uma campanha de reformas sociais, mantendo bases de organização tanto nos Estados Unidos como no Haiti. Seria esta mobilização a por fim ao regime de Jean-Claude Duvalier e a influenciar a vitória eleitoral, com 67% dos votos, do primeiro Presidente da democracia, Jean-Bertrand Aristide. Em São Vicente e Granadinas, Basch observou que os emigrantes criaram organizações para trabalhar com o consulado de Nova Iorque nos dois países, e assim obterem condições mais favoráveis de comércio dos produtos agrícolas e manufaturados da ilha caribenha. Também acordaram que os dividendos desses acordos vantajosos para os Estados Unidos seriam em troca de quotas de imigração mais condescendentes. Szanton Blanc concluiu que os emigrantes foram uma das forças mais influentes no derrube do governo de Ferdinando Marcos, por terem organizado uma oposição transnacional com o apoio dos Estados Unidos, país que patrocinaria a moribunda economia filipina e a restauração da democracia, também em 1986.

Quando estudaram a influência dos movimentos transnacionais no país de origem dos emigrantes, Schiller e Fouron salientaram a pertinência semântica de incluir o termo Estado-nação transnacional para compreender o resultado destes processos. Nesta medida, defenderam que o transnacionalismo concorre para a «reconstituição do conceito de Estado, em que tanto a nação como a autoridade do governo que representa se estende além das fronteiras geográficas do Estado, incorporando na nação as populações dispersas» (Schiller e Fouron 2004:19). Não podemos abordar esta conceptualização de Estado-nação transnacional sem ter em conta o fenómeno do «nacionalismo à distância» porque é a identidade nacional, o sentimento de pertença à nação, que mobiliza migrantes a participarem politicamente no seu país de origem; como manteve B. Anderson de forma lapidar – “They live their real politics long-distance” (Anderson 1992: 12). Schiller e Fouron (2004: 20) explicitaram, anos depois:

Long-distance nationalism does not exist only in the domains of the imagination and sentiment. It leads to specific actions. These actions link a dispersed population to a specific homeland and its political system. Long-distance nationalists may vote, demonstrate, contribute money, create works of art, give birth, and fight, kill, and die for a “homeland” in which they may have never lived. Meanwhile, those who live in this land will recognize these actions as patriotic contributions to the well-being of their homeland.

O *Facebook* é a agora dos meus interlocutores para discutirem o destino político da Ucrânia com os seus concidadãos noutros países e até mesmo na Ucrânia. Este é um fenómeno migratório não pouco comum atualmente, porque é na Internet que as comunidades migrantes discutem assuntos internos do seu país, como evidenciam as etnografias feitas em espaços *online* dedicados a comunidades migrantes. Várias possibilidades de comparação podem ser convocadas.

Thomas H. Eriksen (2007) caracterizou como «lutas pela independência *in absentia*», as páginas *online* de migrantes e refugiados de etnia curda e tamil que visitou e que eram espaços de intenso ativismo político. Em *sites* como o *KurdishMedia* ou o *TamilNet*, milita-se na criação de estados étnicos independentes – o Curdistão, que abrange fronteiras da Turquia, Síria, Iraque e Irão; o Estado Tamil, que abrange uma parte do Norte e do Leste do Sri Lanka. Estas páginas são alimentadas por jornalistas profissionais e acabam por ser também uma plataforma de notícias sobre a diáspora curda e tamil. Porque o Curdistão e o Estado Tamil não existem politicamente, Eriksen nota que os *sites* propiciam um duplo sentimento de pertença: por um lado, é neles que encontram um local sem barreiras culturais em contexto de migração; por outro, sendo estes estados

étnicos uma reivindicação, os *sites* potenciam um sentimento de pertença que, de outra forma, seria difícil de cultivar na diáspora (2007: 10)¹³.

Também as páginas de *Facebook* dos meus interlocutores são locais de participação cívica (ajuda a voluntários de guerra, vigílias, petições), política (contra a influência russa e o separatismo) e cultural – é onde publicam imagens de guerra, mas também de poetas nacionais, trajes típicos de regiões ucranianas. A rede social é até o único recurso *online* do *Solidariedade Ucrânia* e onde anuncia as suas iniciativas. Para os ucranianos com que trabalhei, a Internet é a Ucrânia em Portugal. Ou em Berlim, Londres, Otava. Uma Ucrânia desterritorializada (Appadurai 2010), que se estende muito além das fronteiras físicas. As *ethnoscapes* e *ideascapes* (paisagens étnicas e ideológicas) que Appadurai identifica, também neste caso são a arena virtual que os meus interlocutores habitam, mas que é parte legítima da nação ucraniana. Afinal, estas paisagens mais não são do que possibilidades de vivência da identidade nacional e da pertença coletiva.

Os espaços no *Facebook* são devotados à causa patriótica ucraniana, mantendo viva uma rede entre emigrantes e concidadãos na Ucrânia que não é apenas de comunicação. Esta rede é, claro, um meio de conexão entre todos os intervenientes, mas é o seu cariz ideológico e um programa específico de mobilização que está na sua origem. É aqui que debatem e planeiam as estratégias que lhes é possível materializar em conformidade com as suas idiossincrasias. No cerne de toda a ação no terreno físico ou virtual mantém com constância uma mensagem eminentemente política: a luta pelo fim da «ocupação russa», bem identificada como mentora do separatismo dos dois *oblast* ucranianos¹⁴.

De facto, as narrativas de vitimização entre os ucranianos antissoviéticos (Korostelina 2014: 216; Schmid 2016: 287) são frequentes e incidem sobretudo

¹³ Também Gloria Macri (2011; 2013) dá conta de como o *site* da comunidade migrante romena www.romaniancommunity.net modela a identidade dos seus membros imigrados na Irlanda. A autora nota ainda que também os *media* irlandeses e a forma como noticiam a comunidade romena no país, é determinante neste processo de negociação identitária. A Internet como fórum de participação política e social e de construção da identidade das comunidades na diáspora é igualmente central numa proposta Victoria Bernal (2006). Em «Diaspora, cyberspace and political imagination: the Eritrean diaspora online», esta autora identifica o ciberespaço como local de encontro dos eritreus que emigraram após a independência do país, em 1993, um tempo que «coincide com o desenvolvimento da Internet e aceleração da globalização» (2006: 162). Durante anos, observou fóruns *online* das comunidades emigrantes, concluindo que a Internet foi a «esfera pública transnacional» onde a diáspora «mobilizou manifestantes, angariou fundos para a guerra, debateu a formulação da constituição e influenciou o governo da Eritreia» (*ibid.*). É neste espaço, nesta terra de ninguém e de todos, que os eritreus «produzem debates e narrativas sobre história, cultura, democracia e identidade» (*ibid.*).

¹⁴ Ilustram-se este com imagens de guerra, de feridos e até de montagens gráficas e caricaturas do presidente russo Vladimir Putin, com um bigode de Hitler ou de Estaline, subsumindo uma mensagem clara sobre a Rússia, como fautor de invasão, opressão, guerra.

na “morte pela fome” (*Holodomor*), a que Estaline condenou a Ucrânia no ano de 1932-33. Esta tragédia nacional é assinalada anualmente no país e, também em Portugal e pelo mundo fora, data em que muitos crentes ucranianos reúnem-se em missas celebradas pela alma dos milhões de mortos¹⁵. Em Lisboa, tive oportunidade de ver ucranianos jovens, e mais velhos, a chorar durante uma missa católica de rito bizantino, enquanto o sacerdote, evocando o *Holodomor*, lembrava também as mais recentes vítimas ucranianas, as do conflito separatista. A pequena igreja de Santo António, na baixa de Lisboa, era demasiado pequena para a dimensão daquela eucaristia: religião e política, o bem e o mal; o causador do sofrimento: a Rússia.

Percebi que, para os meus interlocutores, o *Holodomor* é o símbolo maior das tragédias nacionais. Não equivale apenas à fome que um líder soviético infligiu ao seu país – é a epítome de 70 anos de jugo soviético, da amputação da liberdade e da autodeterminação do povo ucraniano ao longo de quase todo o século passado. Antes da URSS, já o Império Russo dominava as terras que viriam a ser a atual Ucrânia e, agora, o império do presidente russo Putin anexara a Península da Crimeia, no sul ucraniano, e armava guerrilheiros que autoproclamavam a independência de duas províncias.

São as premissas da «ocupação russa» que dominam os textos ou imagens alusivas ao conflito que são publicadas no *Facebook*. Os comentários dos amigos virtuais são exclusivamente consentâneos e encorajadores, sendo evidente que estas páginas são de círculos acrílicos que disseminam e perpetuam uma retórica política com *tropos* bem estabelecidos, recorrentes. Só aqueles que se identificam com o discurso anti-Rússia frequentam estas páginas; ou, pelo menos, só eles se pronunciam ou só os seus comentários permanecem sempre visíveis. Renegam o “homem soviético” que foram até 1991 e idolatram Stepan Bandera, o líder da OUN (Organização dos Ucranianos Nacionalistas), um movimento guerrilheiro independentista ativo durante a II Guerra Mundial. Bandera nunca reuniu consenso entre os próprios ucranianos. A OUN colaborou com a *Abwehr*, os serviços secretos da Alemanha Nazi, contando que, em troca, Hitler apoiaria a independência da Ucrânia quando derrotasse a Rússia (Snyder 2003: 143-44, Stebelsky 1994: 244). A história do fim da II Guerra não foi assim, pelo que o pacto com as tropas nazis custou à OUN uma eterna mancha na história soviética e russa¹⁶.

¹⁵ Estima-se que entre 1932 e 1933 tenham morrido cerca de 5 milhões de ucranianos devido à fome provocada pelas políticas de Estaline, a maioria no Oeste e no Sul do país. As vítimas são lembradas no quarto domingo de novembro, dia de luto nacional na Ucrânia

¹⁶ Stepan Bandera (1909-1959) ainda hoje é resgatado da década de 1940 pela Rússia, como símbolo maior do fascismo ucraniano. O Kremlin refere-se frequentemente aos *banderistas* como «nazis» que querem destabilizar a Ucrânia e pôr em causa as supostas relações fraternas com Moscovo

Novembro de 2013. O jornalista ucraniano de origem afegã Mustafa Nayem, e *blogger* popular entre estudantes antirregime, escrevia no *Facebook* quando se soube que o presidente Viktor Yanukovich tinha preterido a União Europeia, a favor de acordos aduaneiros com a Rússia: “Quem está disposto a ir hoje à *Maidan* antes da meia-noite? *Likes* não contam. Só conta o comentário “estou a postos”. Centenas de estudantes acederam e, nos dias seguintes, juntaram-se-lhes cidadãos, organizações da sociedade civil, partidos da oposição e ucranianos de todo o país. As manifestações só terminaram quando o regime capitulou, em fevereiro de 2014, e após quase 200 mortos.

O relato do jornalista foi notícia internacional. O *The New York Times* entrevistou-o e traduziu os seus *posts* no *Facebook*; foi citado no *site* da BBC e na revista *The Economist*. Timothy Snyder, proeminente historiador de países da Europa Central e de Leste, escreveu sobre Mustafa Nayem: “O homem que começou a revolução. Recorrendo às redes sociais, apelou a estudantes e jovens que se manifestassem na principal praça de Kiev pela escolha da Europa”¹⁷. Nayem viria a ser deputado do partido europeísta que tomou o poder nas eleições seguintes.

O papel das redes sociais no movimento *Maidan* foi estudado num trabalho referido pelo *Washington Post*¹⁸. “How Ukrainian Protesters are using Twitter and Facebook” é um estudo em que Pablo Barberá (político) e Megan Metzger (antropóloga) identificaram páginas de apoio ao movimento, sendo que os *posts* se focavam ou em informações do que se passava na praça – e que desencadeavam intensos debates políticos *online* –, ou incidiam sobre orientações logísticas: pontos de distribuição de cartazes e bebidas quentes, abrigos para dormir ou locais policiados a evitar. Concluíram que as redes sociais, sobretudo o *Facebook*, foram uma ferramenta estratégica para as manifestações terem durado meses. Por outro lado, os autores verificaram que a dinâmica instituída nas redes sociais ao longo destes meses atraiu novos utilizadores.

A Internet tende, pois, a ampliar a ação coletiva, sobretudo se se tiver em conta o custo cada vez mais baixo das comunicações *online*, a proliferação de redes gratuitas *wi-fi* e a crescente popularidade das redes sociais. Nos primeiros dias dos protestos, muitos taxistas de Kiev recorreram inclusivamente às redes sociais para divulgarem serviços gratuitos para a *Maidan*. Soube-o por Svitlana, do movimento

e mentores protestos antirregime na *Maidan* (Cf. https://www.nytimes.com/2014/02/20/world/europe/violence-in-ukraine-creates-deepening-clash-between-east-and-west.html?hpw&rref=world&_r=0.

¹⁷ <http://www.nybooks.com/daily/2014/03/01/ukrainehazepropaganda/>. Consultado no dia 13 de dezembro de 2015.

¹⁸ Disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2013/12/04/strategic-use-of-facebook-and-twitter-in-ukrainian-protests/>. Consultado no dia 20 de março de 2015.

Solidariedade Ucrânia referido mais atrás. O pai foi um deles, mesmo morando a 20 quilómetros da capital e sem interesse nas manifestações.

Não terá sido o *Facebook* a mudar politicamente a Ucrânia, mas as redes sociais foram coautoras no processo – vingaram lá tão só porque já eram o nosso quotidiano. Em *Maidan*, organizaram as ruas, eram o contacto para o exterior e para dentro das manifestações, gerando uma dinâmica que só por si terá influenciado os acontecimentos. Será que sem as redes sociais, a praça duma capital europeia poderia ter estado ocupada continuamente por milhares de pessoas durante mais de três meses? Não sabemos, mas facto é que a perseverança da multidão pôs fim a um governo.

Catalisadora de uma revolução popular, meio de comunicação e de pesquisa e terreno, a Internet esteve sempre neste trabalho. É na *web 2.0* que os ucranianos que conheci reclamam agência nos destinos do seu país, em tempo de guerra. O seu patriotismo é exponenciado nas estratégias para cuidar daqueles que tentam impedir o desmembramento de uma nação que julgam ser una. É neste zelo que pragmatizam a sua Ucrânia imaginada.

BIBLIGRAFIA

Anderson, Benedict (1992) “Long-distance Nationalism. World Capitalism ant the Rise of Identity Politics”. *The Wertheim Lecture*. Amesterdão, Centre for Asian Studies Amsterdam:

Anderson, Benedict (2012) *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa, Edições 70.

Appadurai, Arjun (1990) “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”. *Theory, Culture & Society*, 7, 295-310.

Appadurai, Arjun (2010) *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis e Londres, University of Minnesota Press, 9ª edição.

Basch, Linda, Nina Glick Shiller e Nina Szanton-Blanc (2005) *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation States*. Londres, Taylor & Francis e-Library.

Bell, David e Barbara M. Kennedy (eds.) (2000) *The Cybercultures Reader*. Londres, Routledge.

Bernal, Victoria (2006) “Diaspora, cyberspace and political imagination: the Eritrean diaspora online”. Verney, Cassandra Rachel *et al. African Democracy and Development: Challenges for Post-conflict African Nations*. Lanham, Lexington Books, 161-179.

- Boellstorff, Tom (2008) *Coming of Age in Second Life: An Anthropologist Explores the Virtually Human*. Princeton, Princeton University Press.
- Boellstorff, Tom et al. (2012) *Ethnography and Virtual Worlds – A Handbook of Method*. Princeton, Princeton University Press.
- Clifford, James (1997) *Routes: Travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, EUA, Harvard University Press.
- Eriksen, Thomas Hylland (2007) “Nationalism and the Internet”. *Nations and Nationalism*, 13, 1, 1-17.
- Eriksen, Thomas Hylland (2010) *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. Nova Iorque, Pluto Press, 3ª edição.
- Eriksen, Thomas Hylland (ed.) (2003) *Globalisation. Studies in Anthropology*. Londres, Pluto Press.
- Escobar, Arturo (1994) “Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture”. *Current Anthropology*, 35, 3, 211-231.
- Gellner, Ernest (2006) *Nations and Nationalism*. Oxford, Blackwell, 2ª edição.
- Giddens, Anthony (1992) *As Consequências da Modernidade*. Trad. Fernando Luís Machado e Maria Manuela Rocha. Oeiras, Celta.
- Gupta, Akhil e James Ferguson (1992) “Beyond Culture: Space, Identity, and the Politics of Difference”. *Cultural Anthropology*, 7, 1, 6-23.
- Gupta, Akhil e James Ferguson (eds.) (1997) *Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science*. Berkeley, University of California Press.
- Handler, Richard (1988) *Nationalism and The Politics of Culture in Quebec*. Madison e Londres, The University of Wisconsin Press.
- Hannerz, Ulf (2007) “Being there... and there... and there! Reflections on Multi-sited Ethnography”. Antonius C.G.M Robben e Jeffrey A. Sluka (eds.), *Ethnographic Fieldwork: An Anthropological Reader*. Malden, Oxford e Victoria, Blackwell.
- Harvey, David (1990) *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Cambridge, MA, Blackwell.
- Hobsbawm, Eric (2013) *Nations and Nationalism since 1780: Program, myth, reality*. Cambridge, Cambridge University Press, 3ª edição.
- Hutchinson, John e Anthony D. Smith (1994) *Nationalism*. Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.
- Inda, Jonathan Xavier and Renato Rosaldo (eds.) (2002) *The Anthropology of Globalization: A Reader*. Malden e Oxford, Blackwell.

- Johns, M.D., S.L.S. Chen e G.J. Hall (eds) (2004) *Online social research: Methods, issues and ethics*. Oxford, Peter Lang Publishing.
- Kapferer, Bruce (1988) *Legends of People, Myths of State: Violence, Intolerance, and Political Culture in Sri Lanka and Australia*. Washington e Londres, Smithsonian Institution Press.
- Korostelina, Karina (2014) *Constructing the Narratives of Identity and Power: Self-Imagination in a Young Ukrainian Nation*. Plymouth, RU e Nova Iorque, Lexington Books.
- Macri, Gloria (2013) “Romanian Diaspora in the Making? An Online Ethnography of Romaniancommunity.net”. Cathy Fowley, Claire English, Sylvie Thouësny (eds.) *Internet research, theory, and practice: perspectives from Ireland*. Research-publishing.net, 199-223.
- Macri, Gloria (2011) “Logging into Diaspora – Media and Online Identity Narratives among Romanians in Ireland”. *Observatorio (OBS*) Journal*, 5, 2:, 41-52.
- Marcus, George E. (1995) “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, 4: 95-117.
- Marcus, George E. (2014) “What is at Stake – and is not – in the Idea and Practice of Multi-sited Ethnography”. Henrietta L. Moore and Todd Sanders (eds.) *Anthropology in Theory. Issue in Epistemology*. Malden, Oxford e Victoria, Blackwell: 531-534, 2ª edição.
- Schiller, Nina Glick and Georges Fournon (2004) *Georges Woke Up Laughing. Long-distance Nationalism and the Search for Home*. Durham e Londres, Duke University Press.
- Schiller, Nina Glick, Linda Basch, Cristina Szanton Blanc (1995) “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”. *Anthropology Quarterly*, 68, 1: 48-63.
- Schmid, Ulrich (2016) “Nation and Emotion: The Competition of Victimhood in Europe”. Scott Loren e Jörg Metelman (eds.) *Melodrama After the Tears: New Perspectives on the Politics of Victimhood*. Amesterdão, Amsterdam University Press, 281-293.
- Schrooten, Mieke (2012) “Moving ethnography online: researching Brazilian migrants’ online togetherness”. *Ethnic and Racial Studies*, 35, 10, 1794-1809.
- Smith, Anthony D. (2000) *Myths and Memories of the Nation*. Oxford, Oxford University Press.
- Snodgrass, Jeffrey G. (2013) “Ethnography of Online Cultures”. Bernard, H. Russel and Clarence C. Gravlee (eds.) (2015) , *Handbook of Methods in Cultural Anthropology*. Londres: Rowman and Littlefield: 465-95, 2ª edição.
- Snyder, Timothy (2003) *The reconstruction of nations: Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus, 1569-1999*. New Haven e Londres, Yale University Press.
- Stebelsky, Ihor (1994) “National Identity of Ukraine”. David Hoonson (ed.) *Geography and National Identity*. Oxford GB, Cambridge EUA: Blackwell Publishers, 233-248.

Artigos de imprensa:

“How Ukrainian Protesters are using Twitter and Facebook” in *The Washington Post*, edição *online* de 04/12/2013, em <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2013/12/04/strategic-use-of-facebook-and-twitter-in-ukrainian-protests/>. Consultado no dia 20 de março de 2015.

“Ukraine: The Haze of Propaganda”, Timothy Snyder, in *The New York Review of Books*, edição *online* de 01/03/2014, em: <http://www.nybooks.com/daily/2014/03/01/ukrainehaze-propaganda/>. Consultado no dia 13 de dezembro de 2015.

Websites:

Facebook – www.facebook.com

Nações Unidas – www.un.org

New York Review of Books – www.nybooks.com

Petição Pública Online – www.peticaopublica.com

The Washington Post – www.washingtonpost.com